



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

PANORAMA CONJUNTURAL

Dezembro de 2021

Publicado em Janeiro de 2022

Indústria se mantém abaixo do nível pré-Covid19

A indústria brasileira, seja geral seja de transformação, fechou novembro com índices de produção abaixo de dezembro de 2021, mês de maior pico, e de fevereiro de 2020, mês que antecede ao início da pandemia da COVID19, segundo o IBGE. Isto demonstra que a indústria brasileira vem perdendo dinamismo e devolvendo os ganhos que obteve a partir de julho de 2020. De acordo com gráfico nº 1, de setembro de 2020 a fevereiro de 2021 tanto a indústria em geral como a de transformação ficaram acima do nível pré-pandemia. Em novembro de 2022, por sua vez, as indústrias de transformação e geral encontravam-se 4,3% 3,7% abaixo dos índices de fevereiro de 2020, respectivamente. Quando a comparação é com dezembro de 2021 a retração é ainda maior, ou seja, 7,5% e 9,0%. No tocante aos índices de produção da indústria por categoria de uso final, a exceção da indústria de bens capital que em novembro de 2021 encontrava-se acima do patamar de fevereiro de 2020, todos os demais segmentos (bens intermediários, de consumo e semiduráveis e não duráveis) estavam abaixo do período pré-pandemia. Em relação aos índices de janeiro de 2021, todos os macro segmentos industriais encontravam-se, em média, 8,6% abaixo, conforme gráfico nº 2.

Em linhas gerais, o frágil dinamismo da indústria em geral se deve a problemas tanto do lado da demanda como da oferta. No primeiro caso, taxa de desemprego de dois dígitos, vamos fechar o ano de 2021 com desemprego de 12% e com níveis recordes de subutilização por insuficiência de horas trabalhadas. Ademais, inflação de dois dígitos não só compromete o poder de compra das famílias como contribui para manter os níveis de desemprego em patamares elevados. As famílias ao longo do ano de 2021 atingiram níveis expressivos de endividamento. De acordo com o Banco Central do Brasil (BCB), o endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional (em relação à renda acumulada dos últimos doze meses) passou de 42% em fevereiro de 2020 para 50% em setembro de 2021. Inflação acelerando com endividamento elevado, em um contexto de aumento da taxa básica de juros pelo BCB, afeta negativamente a demanda de bens de consumo, principalmente de duráveis, cuja retração foi a mais pronunciada até novembro de 2021.

Gráfico nº 1 - Índices de Produção das Indústrias Geral e de Transformação do Brasil (2012 = 100 - dessazonalizado) - Banco Central do Brasil -
Elaboração Núcleo de Pesquisa IEL/FIEA

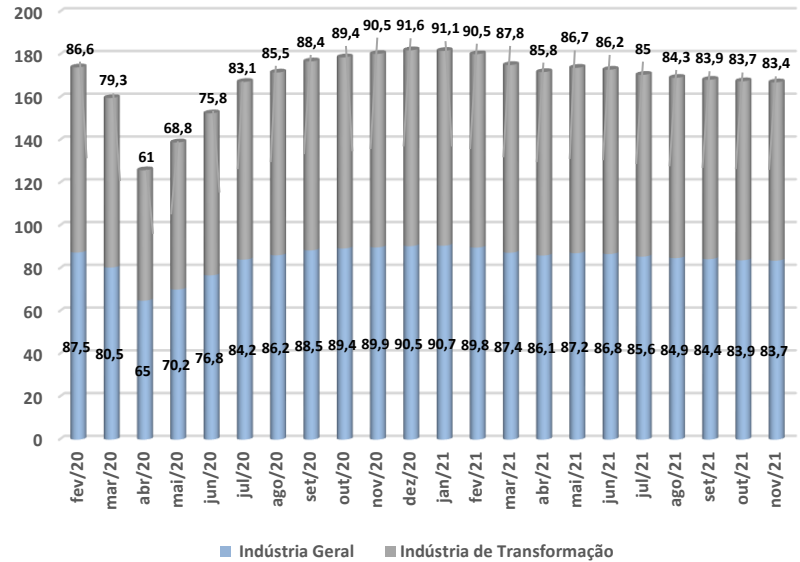
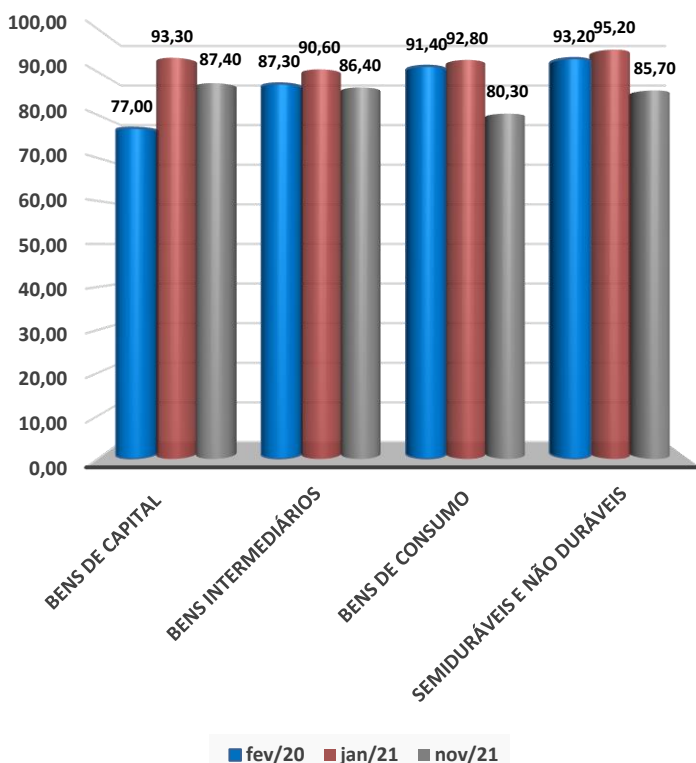


Gráfico nº 2 - Índice de Produção (2012 = 100 - dessazonalizado) da Indústria por Categoria de Uso Final no Brasil - Banco Central do Brasil - Elaboração Núcleo de Pesquisa IEL/FIEA



Do lado da oferta, como chama atenção o [IEDI](#), além do encarecimento de combustíveis e da energia elétrica, em função da crise hídrica, pressões de custo vieram da desorganização das cadeias produtivas. A CNI, a partir de levantamento junto a dois mil empresários da indústria, identificou que a falta e o alto custo das matérias-primas seguem afetando severamente 1/5 da indústria, apesar de perceber-se uma queda gradual nas assinalações desse problema ao longo dos últimos trimestres. Segundo este levantamento divulgado no início de dez/21, 69% da indústria apresenta dificuldades para obter insumos domésticos e 72% delas têm problemas de acesso a insumos importados. Há ainda incerteza quanto a regularização dos canais de oferta em função da variante Ômicron e seus efeitos sobre a economia chinesa.

Do ponto de vista do mercado financeiro, de acordo com a pesquisa [FOCUS](#), os mais otimistas estimam que a indústria deve fechar o ano de 2021 com crescimento de 5,1% e taxa de 0,9% em 2022. Os mais pessimistas, por sua vez, projetam taxas de 3,86% e -2,8%, respectivamente. A mediana está em 4,5% e -0,25%. O quadro de maior incerteza (traduzidos pela dispersão das expectativas entre otimistas e pessimista quanto ao desempenho da indústria em 2022) tem sido registrado pela pesquisa do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI. Em janeiro de 2022, o ICEI recuou 0,7 ponto, de 56,7 pontos para 56 pontos, revertendo avanço de dezembro de 2021. Além de menos otimista que no final de 2021, o empresário também inicia 2022 menos esperançoso do que em outros anos. O ICEI de janeiro deste ano é inferior ao registrado nos mesmos meses de 2018 a 2021.

IPCA FECHA 2021 ACIMA DE DOIS DÍGITOS

A taxa de inflação (IPCA, no acumulado de doze meses) fechou o ano de 2021 em 10,06%, dentro das expectativas do mercado e da maioria dos analistas financeiros. Com este resultado, o IPCA ficou 6,3% acima do centro da meta de 3,75% e 4,8% do teto da meta de 5,25%, ver gráfico nº 3. No último levantamento feito pela pesquisa FOCUS de 14/01/22, a mediana das expectativas do mercado financeiro continuava projetando inflação na meta só em 2024 e pressão de alta em 2022 e 2023.

Caso as expectativas do mercado para a inflação de 2022 se confirmem, será o segundo ano de estouro no teto da meta, o que poderá reforçar as estimativas da inflação se distanciando do centro da meta em 2023, sem falar do temor do risco de reindexação da economia. Tais riscos tem puxado a taxa média de Depósitos Interfinanceiros (CDI), de um dia, para um patamar próximo a 12% em janeiro de 2023 e de 11,6% em igual período de 2024. Isto significa que o mercado considera que as taxas de 11,75% e de 8,0% projetadas pelo FOCUS para o final de 2022 e 2023 são insuficientes para levar a inflação para o centro da meta nestes anos.

Os itens que contribuíram para o IPCA de

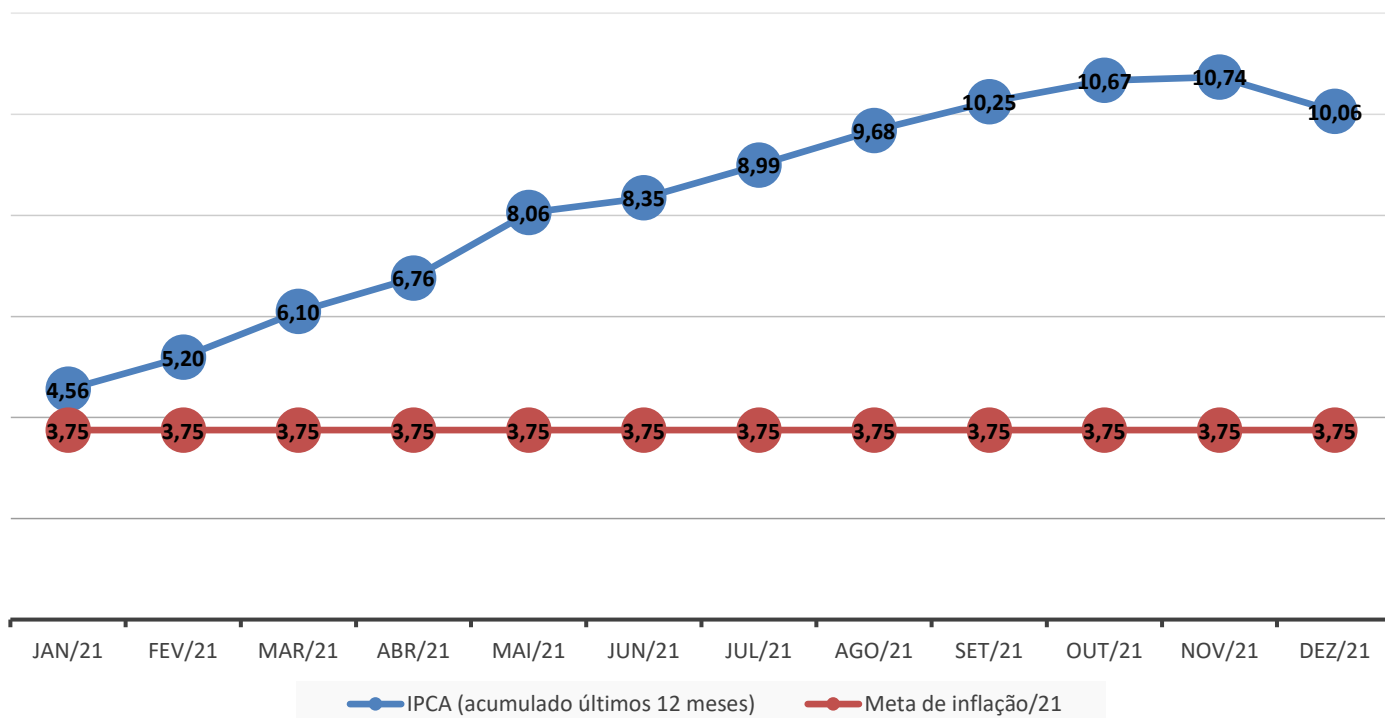
10,06% em 2021 deixam claro a natureza de choque de oferta e a pouca relevância da demanda, uma vez que o hiato produto continua em ritmo lento de ajuste, com perspectiva de fechamento só em 2023. Para se ter uma ideia, gasolina com aumento de 46,5%, energia elétrica de 25%, etanol de 60% e gás de botijão de 35,8%, responderam por 53% do IPCA em 2021. Em grande medida influenciados pela desvalorização de 8,2% do real frente ao dólar, seca (com efeitos negativos sobre os reservatórios e produção de alimentos), e aumento dos preços das commodities, puxado pelo crescimento de 40% do preço do petróleo Brent, em nível internacional.

Como vem sendo salientado em Panoramas Conjunturais FIEA anteriores, a obstinação do Banco Central em levar a inflação para o centro da meta em 2023, por meio da manutenção da taxa básica acima de 11% em 2022, reforçará o cenário de estagnação este ano. Segundo a mediana do FOCUS, a economia brasileira deverá crescer 0,29% em 2022. Algumas instituições financeiras projetam retração no PIB de 0,5%, como Itaú e Credit Suisse, e de 0,3%, no caso do Citibank. Tudo isto em um cenário no qual o Brasil apresentou o melhor resultado fiscal

dos últimos tempos. De acordo com a Secretaria do Tesouro Nacional (STN), nos doze meses até novembro de 2021, o setor público consolidado (governo central, unidades da federação e estatais) obteve superávit primário de R\$ 64,2 bilhões ante déficit de R\$ 651,1 bilhões em 2020. Ainda segundo a STN, o setor público pode fechar o ano de 2021 com o primeiro superávit primário desde 2013, depois que o resultado primário do Governo Central registrou superávit de R\$ 3,9 bilhões em novembro. Caso isto se confirme, a relação dívida/PIB deverá ficar próxima a 80% contrariando expectativas do mercado que projetavam taxas acima de 90%, no início de 2021.

A configuração desse quadro fiscal deveria relativizar a narrativa de que o risco fiscal tem puxado para cima o balanço de riscos considerados pelo Comitê de Política Monetária (COPOM) na definição da taxa básica de juros (selic). Ou seja, a melhoria no quadro fiscal e expectativas de crescimento próximo a zero para 2022 já justificariam a antecipação do fim do ciclo de crescimento dos juros pelo BCB. Principalmente quando o próprio mercado estima inflação de 5% em 2022 em função do esgotamento dos choques de oferta.

Gráfico nº 3 - IPCA (acumulado nos últimos 12 meses) e meta de inflação para 2021 - BCB- elaboração núcleo de pesquisa IEL/FIEA



A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM NOVEMBRO DE 2021

A indústria brasileira em novembro de 2021 registrou variação de -0,2% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2020 a produção industrial caiu 4,4%, dando continuidade à dinâmica de retração exibida em outubro quando recuou 7,8% (na mesma métrica). Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “os dados do IBGE mostram que ainda é cedo para considerar superada a crise provocada pela pandemia de Covid-19.

Demanda fragilizada, gargalos logísticos e nas cadeias de suprimento e pressões de custo são desdobramentos que ainda estão bastante presentes no setor. Se compararmos com o mês imediatamente anterior ao choque da Covid-19 no Brasil, isto é,

ante fev/20, o nível de produção da indústria em nov/21 era 4,3% inferior. Ou seja, regredimos nada menos do que 16 meses e voltamos para um ponto não muito distante daquele que estávamos em jul/20. A sinalização é clara: as condições que possibilitaram a reação do setor na segunda metade de 2020 não mais se verificam”.

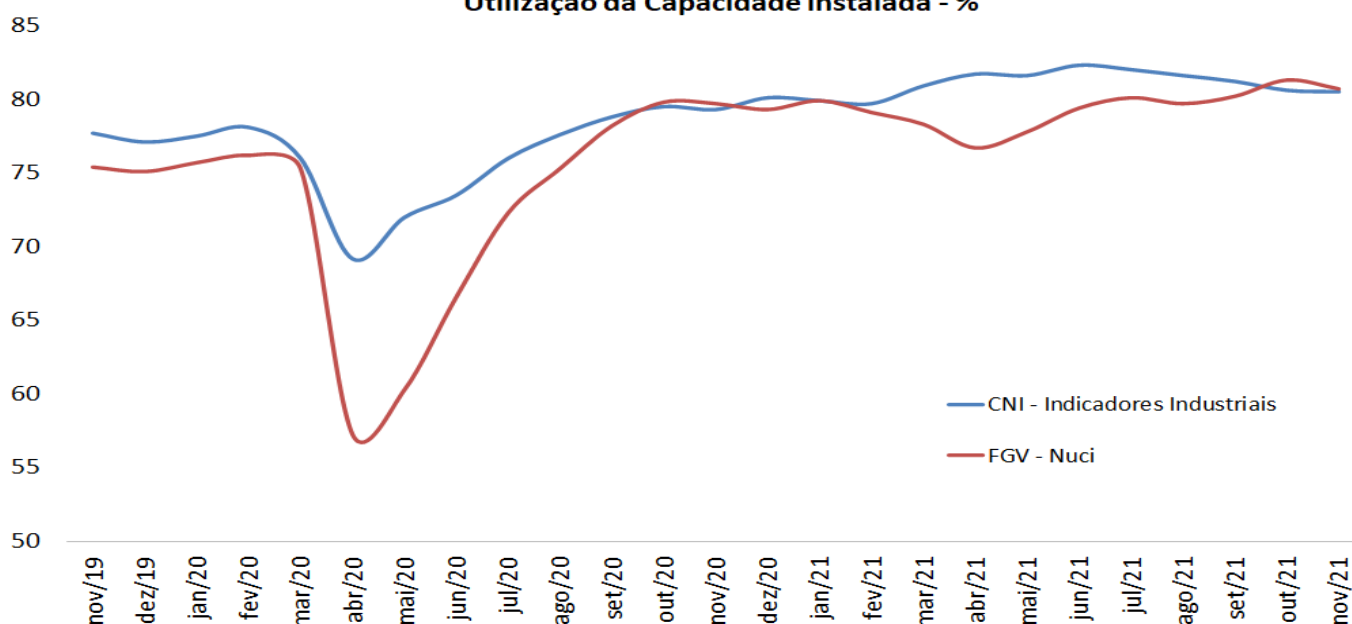
Ainda segundo o IEDI, “A utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, recuou de 81,3% em out/21 para 80,7% em nov/21, antes de fechar o ano em 79,7% (dez/21). Ficou, assim, ligeiramente acima da média histórica anterior à Covid-19 (79,5%) e abaixo do patamar imediatamente anterior à crise de 2014-2016, que era de 82,6% no 1º trim/14”.

Variações da Produção Industrial - Novembro 2021 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,2	-4,4	4,7	5,0
Bens de capital	-3,0	5,0	30,7	31,1
Bens intermediários	0,0	-2,7	4,0	4,3
Bens de consumo	0,1	-9,5	0,9	1,1
Bens de consumo duráveis	0,5	-21,0	3,8	4,6
Semiduráveis e não duráveis	0,0	-6,3	0,2	0,3
Extrativa Mineral	5,0	5,0	1,0	0,6
Transformação	-0,4	-5,6	5,2	5,6

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria

Indústria de Transformação Utilização da Capacidade Instalada - %



Fonte: CNI e FGV.



INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA BRASILEIRA

Índice de Preço (%)	2020	2021											
	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
IGP-DI	0,76	2,91	2,71	0,76	2,22	3,40	0,11	1,45	-0,14	-0,55	1,60	-0,58	1,25
INCC-DI	0,7	0,89	1,89	0,7	0,9	2,22	2,16	0,85	0,46	0,51	0,86	0,67	0,35
IGP-M	0,96	2,58	2,53	0,96	1,51	4,10	0,60	0,78	0,66	-0,64	0,64	0,02	0,87
IPC-M	1,21	0,41	0,35	1,21	0,44	0,61	0,57	0,83	0,75	1,19	1,05	0,93	0,84
IPA-M	0,90	3,38	3,28	0,9	1,84	5,23	0,42	0,71	0,66	-1,21	0,53	-0,29	0,95
INCC-M	0,88	0,93	1,07	0,88	0,95	1,8	2,30	1,24	0,56	0,56	0,80	0,71	0,30
IPC-FIPE	0,79	0,86	0,23	0,79	0,44	0,41	0,81	1,02	1,44	1,13	1,00	0,72	0,57
INPC	1,46	0,27	0,82	1,46	0,38	0,96	0,60	1,02	0,88	1,20	1,16	0,84	0,73
IPCA	1,35	0,25	0,86	1,35	0,31	0,83	0,53	0,96	0,87	1,16	1,25	0,95	0,73

Fonte: Ipeadata e Bacen

Indicadores de Confiança I			
Indicadores do Cenário Externo			
Meses/ano	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
dez/20	0,92	51,80	1.894,33
jan/21	1,07	55,88	1747,13
fev/21	1,41	66,13	1.738,30
mar/21	1,74	63,54	1768,54
abr/21	1,64	66,56	1.873,30
mai/20	1,58	69,32	1788,35
jun/21	1,47	75,13	1.786,95
jul/21	1,23	76,33	1817,79
ago/21	1,31	74,33	1.776,57
set/21	1,49	83,63	1766,77
out/21	1,56	82,81	1.786,51
nov/21	1,46	81,6	1814,84
dez/21	1,51	83,62	1.826,62

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/(FED)

Indicadores de Confiança II	
Meses	Risco Brasil
dez/20	263
jan/21	278
fev/21	276
mar/21	300
abr/21	286
mai/21	264
jun/21	264
jul/21	292
ago/21	307
set/21	314
out/21	337
nov/21	350
dez/21	337

Fonte: IPEADATA

Meses	Indicadores de Confiança III						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos doze Meses	Taxa de Juros Selic (%a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
dez/20	5,20	2,83	4,08	-1,20	4,52	1,90	-2,51
jan/21	5,48	3,44	3,83	-0,09	4,56	1,90	-2,54
fev/21	5,53	4,08	4,02	0,06	5,19	1,90	-3,13
mar/21	5,70	5,08	4,44	0,61	6,10	2,65	-3,25
abr/21	4,10	5,22	4,07	1,11	6,76	2,65	-3,85
mai/21	5,23	5,86	4,45	1,35	8,01	3,40	-4,27
jun/21	5,00	6,57	4,47	2,01	8,35	4,15	-3,88
jul/21	5,12	7,45	4,88	2,45	8,99	5,15	-3,52
ago/21	5,14	8,18	4,81	3,22	9,68	5,15	-4,13
set/21	5,44	8,98	5,36	3,44	10,24	6,15	-3,71
out/21	5,64	11,92	5,54	6,05	10,67	7,65	-2,73
nov/21	5,62	11,75	5,30	6,13	10,73	7,65	-2,78
dez/21	5,58	11,79	5,10	6,37	10,06	9,15	-0,83

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)



Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

**INDICADORES DE DESEMPENHO
PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO
DE ALAGOAS – FIEA**

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

Presidente:

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice-presidente

José da Silva Nogueira Filho

UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

Coordenador

Helvio Braga Vilas Boas

Elaboração

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

Coordenadora

Eliana Sá

Informações Técnicas

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

Estagiários

Luana Santos Leite

Morgana Maria Machado Moura

Contato

nucleodeinovacao@ielal.com.br

(82) 2121-3085 | 2121-3079